

Não é meia noite quem quer, de António Lobo Antunes
António Lobo Antunes' To be midnight it is not enough
want to be it

António Lobo Antunes. *Não é meia noite quem quer*. Alfragide: Dom Quixote, 2012.

ANDRÉ CORRÊA DE SÁ*

* Doutor em Literatura pela Universidade de Évora e Licenciado em Ciências Farmacêuticas pela Universidade de Coimbra. Atua como pesquisador do Centro de Estudos Literários (Universidade de Évora).

Não é meia noite quem quer passa-se em três dias, sexta a domingo, de vinte e seis a vinte e oito de agosto de 2011. O romance está dividido em três partes, uma para cada dia. Cada parte tem dez capítulos, designados por números. A voz principal é de uma mulher, de 52 anos, professora, que nesses dias se desloca pela última vez à casa da praia do Alto da Vigia, onde passava as férias na infância. Nas mais de quatrocentas e cinquenta páginas do romance, outros narradores se intrometem: a mãe, a amante, uma amiga de infância, um dos irmãos. Todas essas vozes amplificam a frequência primitiva. O relato tem um propósito definido. A narradora diz-nos que chegou de manhã: “Vim a esta casa para me despedir dela” (Antunes, 2012, p. 16). Essa declaração de intenções, mais do que o aviso à história que nos espera, acaba por se converter na primeira fase da enorme simulação que o romance desenvolve.

Simulação porque a tensão de despedida da casa acabará por se subordinar, enfim, a uma lenga-lenga que põe de parte a presença destrutiva da morte, assimilando-a à intensidade de um encontro redentor. Do título de um romance não se espera que seja gratuito. E este estende-se, sem dúvida, sobre o relato que subentende. A meia-noite é as zero horas porque os romanos, não contentes com a imprecisão solar, convencionaram que os dias começam à meia-noite. A madrugada já tem, portanto, o relance do dia que se segue. Como alude o título do romance, *furtado* a René Char, para ser meia noite não basta querer sê-lo. E o que o livro conta é o momento em que isso acontece: como uma mulher de 52 anos, tremendamente solitária, arranja um pretexto para aparelhar numa maquete as peças da infância cercada de gente e se figura nesse andamento até estar preparada para se despenhar do rochedo da praia. A coragem de nomear a doença em que a vida se tornou virá com o ritmo das páginas. E por isso, quando ouvimos “Vim despedir-me da casa, ou do meu irmão mais velho e, através dele, de mim mesma, não sei” (Antunes, 2012, p. 83) teremos de reequacionar a formulação de despedida que o romance solicita. O irmão que se suicidou era o irmão sem medo do escuro, o que andava à frente dos anos.

Enquanto relato das razões de um suicídio, é um romance de índole aparentemente autodestrutiva. Mas a voz da mulher virá, contudo, alinhavada pela preparação de um encontro, domingo, ao fim da tarde. Esses dias, sexta e sábado, dão sequência elíptica às múltiplas imagens que a mulher de si própria vai colecionando. Recordemos que a primeira frase do romance nos avisa,

de imediato, do chamamento do mar. Ora o mar, as ondas, na simbologia antuniana, revestem-se quase sempre de uma ânsia de esperança. E aquilo que invocariamos como pura resignação, numa mulher que para ela mesmo admite que distribuiu a vida ao acaso, sem dar fé, (ANTUNES, 2012, p. 197), acaba por insistir, na revoada de ecos a que o leitor é sujeito, na transição até ao “sábado, em que os meus passos os passos de muita gente que caminha comigo” (ANTUNES, 2012, p. 222). Dizer a morte, porque cedo se torna claro que a mulher se irá suicidar, é também reaprender a dizer aquilo que conosco se perdeu.

A revisitação dos malogros existenciais, a intencionalidade do apelo de uma voz solitária, o animismo ansiolítico não são novidades estilísticas. Mantêm-se as crianças desprotegidas na pele dos adultos, gritando pela mãe. Como é habitual nos livros de Lobo Antunes, retratos físicos praticamente zero, mas as personagens que ouvimos não podiam tornar-se mais vívidas. Tornam-se agressivas quando revivem os períodos da infância, marcados pelo abandono daqueles por quem o amor era inesgotável. Tal como o leitor, algumas aprenderão a pacificar-se através dos livros, dando os nomes corretos às coisas, à modesta cancela a que chamavam portão, por exemplo. Esta mulher também não é feliz e, desde os tempos do Alto da Vigia, a sua vida sintetiza-se em palavras poucas: “casei-me, perdi um filho, aguntei esta maçada no peito” (ANTUNES, 2012, p. 67). Entraremos com ela no laço da infância, com o Ernesto, o hipopótamo de peluche que se interpunha entre ela e o mundo, dividiremos um diário com Tininha, a amiga rica da casa do lado, que mais tarde a trata do cancro, esquecida da infância e da fenda do muro onde ocultavam os segredos. Ponto por ponto, inspecionaremos o seu passado numa atenção sem fim. E saberemos de pormenores do casamento falhado, da ausência de um filho, do cancro, do envolvimento com uma colega de escola. Muitos dos passos deste romance sugerem, aliás, que a história que ouvimos está a ser contada à colega de escola, sem que esta, contudo, passe a pertencer a esse momento afetivo. Interessada no presente da relação amorosa, a colega desloca fragmentos de frases para trazê-la de volta do seu interior, para o abraço apaixonado que lhe quer agradecer.

Examine-se, para começar, o filtro da evocação, isto é, esse cenário, físico e psíquico, sobre o qual a mulher vai retomando o fio do passado. O topônimo Alto da Vigia designa um promontório sobre as ondas, um sítio de onde é

possível ter uma perspectiva mais desafogada. É provável que também assim acontecesse nesta história, se o irmão mais velho desta mulher, para fugir à incorporação na guerra, se não tivesse suicidado, aos dezoito anos, atirando-se ao mar do cimo do rochedo. Era ainda miúda, ficou-lhe a recordação das idas de bicicleta para a praia, montada na frente do irmão. Como ligação afetiva, parece pouco, mas um suicídio é uma implosão que ninguém sabe como anular, para mais numa família já de si precária. Não se estranha, portanto, que se exprima deste modo o vínculo entre eles: “e não compreendi se o meu sangue me pertencia ou se passava de uns para os outros” (ANTUNES, 2012, p. 20).

Numa obra de que nunca desaparece uma fração de negatividade, o signo da morte é o esbatimento, a obliteração vital, ou seja, uma ausência vivida por dentro. Vigia-se o quê? O halo familiar? Parece-me que essa pergunta está disciplinada pela necessidade de restaurar os pontos cardeais da sua história pessoal. A mulher de 52 anos está desencantada com o nó que a sua vida apertou sobre a criança que foi, a criança que quer, com força, saber-se de novo: “O que eu não dava para que o Alto da Vigia continuasse ali” (Antunes, 2012, p. 53). Quem dessa vez morreu, através do irmão mais velho, foram eles: ela, os pais, os outros dois irmãos. O desaparecimento de alguém é sempre o desvanecimento de um espaço partilhado, de movimentos que se presentem, de emoções flutuantes. A casa são as pessoas que a habitaram, não é uma substância material. Do irmão ficou a bicicleta, mas não o braço que a amparava na descida para a praia. Esse desaparecimento súbito tornou-se, assim, o catalisador de uma reação em cadeia que desolou as vidas de todos: ela inútil vida fora, o pai bêbado e com dívidas, a mãe amarga, carregando os filhos como uma cruz, o irmão surdo encapsulado num silêncio assustador, o outro irmão, num emudecimento ainda maior, mal sendo capaz de sobreviver depois de regressar da guerra.

Nesse romance, o conceito de *vigia* concerne ao interior: esta mulher, irreconhecível face ao espelho do presente, quis voltar a esta casa para reconstituir a ressonância familiar da ruína que a assolou. A falta do amor materno, que nunca se teve ou se perdeu, é constante nestas personagens. Quando o olhar do adulto revê a casa de outrora, os compartimentos estão diminuídos, tanto que nem parecem os mesmos: “como esta casa diminuiu de tamanho, sem espaço para eco algum” (ANTUNES, 2012, p. 59). Vemo-nos então submersos numa geometria acústica, num espaço de emoções imateriais que a

narrativa instaura pela representação de vozes cruzadas. Todas as passagens na sua vida foram súbitas e agravaram, sem sossego, o seu desamparo. Analisa-se a dissolução da casa, o fim da amizade com Tininha, a desilusão do casamento. O desdobramento nas vozes em redor é indispensável: alguém que aos 52 anos se apercebe que apenas foi durando inocuamente precisa, para ser livre, de reaver a ironia autorreflexiva.

O objetivo desta visita é devolver aos compartimentos as proporções corretas, para encontrar dentro dela própria os seus ecos mais íntimos. Por isso talvez nunca deixe de ser necessário mencionar o feixe polifônico de Lobo Antunes: mesmo em romances em que a voz é aparentemente única, o espaço psíquico refere-se sempre a uma esfera com mais que um centro, em que todas as presenças são polos de um espaço afetivo que nunca é de uma pessoa só: “se me desse para comunicar em quantas vozes a minha voz se dividia” (ANTUNES, 2012, p. 16). A memória de uma pessoa é a memória das pessoas em redor. Se a mulher der conta que não existe “um silêncio oco à minha roda” (ANTUNES, 2012, p. 209). É daí, dessas vozes divididas, que se abre, ou se fecha, a auréola nostálgica, defendida pela fala dos pinheiros e pelas ondas do mar, que anunciam a concha protetora desde a primeira página do romance. O único idealismo que Lobo Antunes me parece amanho sem descanso nos seus livros, neste também, é o que incorpora na maioria dos universos narrativos um motivo de túnel, que se cruza com o desejo da luz. E essa luz simboliza o reencontro familiar. Atirar-se do alto do rochedo é regressar à vida autêntica, que a passagem do tempo foi deteriorando, esse mundo “onde as ondas se deslocam sem me fazerem dano” (ANTUNES, 2012, p. 201).

A casa do Alto da Vigia, com a sua série de carências de toda a ordem, materiais e emocionais, está, mais do que qualquer outro reduto na vida desta mulher, calafetada contra essa angústia que nos faz acordar aterrorizados às três da manhã. Terá de compreendê-la, como até agora nunca soube fazer, para redefinir sobre si um novo abrigo, até porque, como confessa: “preciso de tudo à minha volta antes de me ir embora, bichos, palavras, família” (ANTUNES, 2012, p. 427). O que, sobretudo, interessa não é propriamente a *felicidade*, sempre ambígua, mas a possibilidade de retomar a presença da casa nas suas dimensões anteriores, enchendo-a dos ecos perdidos. No penúltimo capítulo, a mulher, que não envelhece, acorda para uma manhã com o marido

ao lado, espreita-se a mesa com a família inteira, ouve-se, lenitivo, o sorriso do irmão mais velho. É inevitável distinguir as dores para ter consciência de um corpo vivo. Como medir o tempo que tudo isso demora? Não há legitimidade na mecânica dos relógios. A integração dos segredos, sobretudo os inconscientes, que a narração pretende verbalizar, é matéria para um tempo interior, suspenso e espumoso. Tempo que tanto possui a forma de um diário, de um diálogo, de um monólogo privado. Às seis horas e quarenta minutos do suicídio são apenas a *hora improvável* em que se pode, de novo, nascer. E nessa queda, invertida, vai o livro durando até que, finalmente se possa verificar que: “A casa tranquila e tudo calmo em mim” (ANTUNES, 2012, p. 441). E talvez por isso no último capítulo, feito somente de duas palavras, se dê voz à surdez, ao silêncio, imutável, de que partimos.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, António Lobo. *Não é meia noite quem quer*. Alfragide: Dom Quixote, 2012.